

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA**

Os Malavoglia: o narrador e sua criação

ANA PAULA FREITAS DE ANDRADE

Tese apresentada junto à área de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Iná Camargo Costa, com vistas à obtenção do título de Doutor.

São Paulo
2006

Para Teresa e Amana

Agradecimentos especiais a

Homero Freitas de Andrade
Iná Camargo Costa
Lucia Wataghin

RESUMO

Este ensaio propõe a obra *Os Malavoglia* (1881), de Giovanni Verga, como um romance-tese do *Verismo*, a partir do estudo de suas instâncias narrativas e da análise de seus principais procedimentos compositivos, à luz das teorias de Mikhail Bakhtin, Iúri Tyniánov, Erich Auerbach, Eleazar Meletínski e outros.

PALAVRAS-CHAVE

- Giovanni Verga
- *Os Malavoglia*
- *Verismo*
- Naturalismo
- Representação literária realista
- Narrador impessoal

ABSTRACT

This essay proposes *Os Malavoglia* (1881), of Giovanni Verga, as roman à thèse of the *Verismo*, from the study of his narrative's instances and the analysis of his main compositive's proceedings, according to the theories of Mikhail Bakhtin, Iúri Tyniánov, Erich Auerbach, Eleazar Meletínski and others.

KEY WORDS

- Giovanni Verga
- *Os Malavoglia*
- *Verismo*
- Naturalism
- Realist's representantion
- Impersonal's narrator

ÍNDICE

Apresentação	I
I. A formação de Verga e do <i>Verismo</i>	1
II. Os Malavoglia: um romance-tese?	11
III. A construção do narrador: paródia e estilização como procedimento	49
Bibliografia Geral	109

APRESENTAÇÃO

(...) “ma per poter comprendere siffatta caparbietà, che è per certi aspetti eroica, bisogna farci piccini anche noi, chiudere tutto l'orizzonte fra due zolle, e guardare col microscopio le piccole cause che fanno battere i piccoli cuori. Volete metterci un occhio anche voi, a cotesta lente? voi che guardate la vita dall'altro lato del cannocchiale?”

(G. Verga, “Fantasticheria”)

Este projeto desenvolveu-se com a convicção de que *Os Malavoglia* (1881) são um romance-tese no qual Giovanni Verga expõe ativamente suas concepções de mundo e literatura. No plano sociocultural, a obra traça um estudo antropológico inédito da história social da Itália recém-unificada; e no literário, traz uma proposta inovadora de representação realista centrada no narrador. O romance apresenta peculiaridades estilísticas originais que propõem reformas artísticas profundas ao gênero, e demonstra um método de criação literária fecundo, que foi de suma importância para a literatura italiana.

O intuito principal deste ensaio é estudar como o autor representa a realidade no seu romance, e o foco de interesse da investigação incide sobre o narrador, pois a leitura atenta da obra levou à percepção de que ele é o manipulador de todos os procedimentos literários que dão ao leitor uma impressão de verossimilhança narrativa perfeita. Numa prática acentuadamente verista, este narrador-prestidigitador revela ao leitor o próprio processo de criação, explicitando como se constrói o tecido narrativo. E com esse gesto de narrador autodescritivo, ele desnuda os procedimentos de composição implicados em seu método de representação realista.

O *Verismo*¹, como vertente italiana da escola naturalista francesa, herdou a opção pela representação realista da realidade em seus estratos mais profundos e abrangentes, com a finalidade de compreender as forças que condicionam a vida humana e geram os movimentos histórico-sociais. Para Hauser, o escritor naturalista interessa-se pelas questões críticas da atualidade sociopolítica de seu país, e, lançando mão de suas convicções filosóficas e ideológicas, nutre o firme propósito quando não de sanar, de apontar, denunciar os desequilíbrios e problemas decorrentes de uma determinada situação social². É dessa perspectiva que Giovanni Verga, assim como os outros escritores da primeira geração verista, adota como objeto de representação literária a vida nas províncias meridionais, regida por estruturas e costumes arcaicos, afligida por antigas mazelas sociais e vítima de seqüelas do processo de Unificação italiana.

No prefácio ao romance, Verga o apresenta como o “estudo sincero e desapassionado” das forças moventes da atividade humana que produz o progresso, especialmente da luta pelas necessidades materiais nas “baixas esferas”³ sociais. A sua intenção é representar a realidade social contemporânea com exatidão e seriedade, valendo-se de uma observação imparcial, isenta e objetiva. O autor descreve o próprio método de criação literária ao concluir que a tarefa do observador-narrador é “restituir a cena nitidamente, com as cores devidas, de modo a dar a representação da realidade como ela foi, ou como deveria ter sido”⁴.

No Naturalismo⁵, quando as classes menos favorecidas passam a ser objeto de representação literária em moldes realistas, o ideal do romance privilegia a questão da impessoalidade narrativa. Na escola naturalista, em que predominam o cientificismo e a intenção documental, os critérios de veracidade, isenção e objetividade orientam o método de representação artística. Novos conteúdos pedem novas formas de representação: para representar com

¹ Neste trabalho optou-se pela grafia do termo *Verismo* em itálico e com inicial maiúscula. Apesar de a palavra estar dicionarizada em português (*Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 2001), ela não aparece na forma de substantivo próprio ao designar o nome da escola literária italiana.

² Cf. A. Hauser, em *Historia social de la literatura y el arte III*, cit., p. 37.

³ G. Verga, “Prefácio”, em *Os Malavoglia*, cit., p. 7.

⁴ *Idem*, p. 10.

verossimilhança o novo objeto, o escritor precisa reformular radicalmente a maneira tradicional de narrar.⁶ A impessoalidade narrativa acena com a possibilidade de suprimir a distância que separa o autor-narrador e o leitor do objeto de narração, ou seja, a burguesia, do povo. No caso, o maior desafio do escritor verista consiste em criar uma representação literária que reproduza com autenticidade o mundo popular siciliano, e seja acolhida sem restrições pelo público italiano concentrado nas regiões privilegiadas do país. Em *Os Malavoglia*, por meio da estilização da língua falada siciliana, o escritor chega a uma solução estilística eficiente, que promove a aproximação rumo ao universo cultural popular e potencializa o efeito da verossimilhança narrativa.

No interessante ensaio introdutório à edição italiana de *I Malavoglia*, Edoardo Sanguineti esclarece que o ideal estético da impessoalidade narrativa fundamenta-se no mito positivista do “objeto que fala por si”⁷. Seu desígnio maior é sugerir ao leitor que a história se conta de per si, sem o intermédio de um narrador. Na prática, o sucesso dessa proposição reside em não se deixar entrever o narrador na matéria narrada, ou, nas palavras de Verga, fazer com que a “mão do artista”⁸ permaneça totalmente invisível no seu romance. É a partir dessa perspectiva, que a questão encaminhada neste estudo examina o *modus operandi* do narrador de *Os Malavoglia*, que, num movimento duplo e aparentemente contraditório, domina a narrativa por meio do simulacro da própria ausência, para que o leitor se depare com “o fato nu e genuíno”.⁹ Na medida em que o autor atribui o êxito de suas intenções literárias ao narrador, desvendar as estratégias narrativas deste segundo equivale a descobrir os procedimentos de representação da realidade articulados pelo primeiro, bem como a organicidade que lhes conferiu no interior da obra em favor da verossimilhança narrativa perfeita, que se processa a partir da ilusão da ausência do narrador. A linguagem discursiva é o único meio de que o narrador dispõe para lograr o leitor de que a sua voz é o próprio objeto artístico: a voz

⁵ O termo é empregado aqui em sentido mais abrangente, conforme proposição de A. Hauser, em *Historia social de la literatura y el arte III*, p. 37.

⁶ Esse narrador em terceira pessoa, despersonalizado e imparcial, surge em oposição ao velho narrador-contador de história de que trata Benjamin em seu ensaio “O narrador — observações acerca da Obra de Nicolai Leskow”, em *Textos escolhidos*, *cit.*

⁷ E. Sanguineti, em “Cronologia della vita e delle opere” (Prefazione), *cit.*, p. viii.

⁸ G. Verga, “L’Amante di Gramigna”, em *Tutte le novelle*, *cit.*, p. 204.

⁹ *Idem*, p. 203.

narrativa, como representante do objeto, imita-o, em seu conteúdo e forma. Neste romance, Giovanni Verga cria uma linguagem literária a partir da estilização da língua falada da comunidade de pescadores de Aci Trezza, onde a história se passa, com todas as suas marcas socioculturais e particularidades lexicais, sintáticas, semânticas. O autor articula esta linguagem através de uma voz narrativa em terceira pessoa, portadora da voz de cada personagem e de uma voz coletiva, de senso comum, que soa livre e continuamente nas diversas modalidades do discurso (direto, indireto, indireto livre). Esta continuidade estilística, que Antônio Cândido muito bem definiu como “discurso indireto homogeneizador”¹⁰, resulta numa supressão de barreiras que iguala as vozes do narrador e das personagens num só plano discursivo.

Nessa espécie de travestimento literário da fala dialetal, ocorre um fenômeno interessante que intensifica a verossimilhança da representação da realidade no romance, porque confere naturalidade e espontaneidade ao discurso do narrador. Ao promover a mistura dos níveis de linguagens da tradição literária culta e da tradição oral popular, o autor vincula forças sociais vivas e organiza-as ativamente no interior do romance; e ao fazer com que o narrador renove as formas lingüísticas fixas do discurso, propõe a representação da realidade viva da língua, em estreita relação com a dinâmica sociocultural da comunidade retratada. No plano estrutural da obra, tais fatores colaboram para a isenção e a impessoalidade narrativas, porque atuam como mecanismos de ocultação do narrador e despersonalização das marcas ideológicas do autor.

Na Europa da segunda metade do século XIX, a incrementação nos setores tecnológico, industrial e comercial acelera-se e agita a vida urbana. No prefácio, Verga qualifica o seu romance como a recriação realista da realidade dos “vencidos”, daqueles que, na tentativa de ascender socialmente, são engolfados pelo progresso. A história da família Malavoglia desenvolve-se num período em que, além da balbúrdia dessa nova era, conflitos internos graves abalam o país. Até mesmo na remota e esquecida Aci Trezza sentem-se os ecos do progresso, que despertam em seus habitantes “as primeiras

¹⁰ Em “O mundo-provêrbio”, *cit.*, p 351.

inquietações pelo bem-estar”¹¹; bem como o estrépito da campanha de Unificação italiana que afeta drasticamente as condições de vida da população meridional. A narração literária tradicional parece não dar mais conta de representar de modo realista este mundo em desagregação, decadência e mutação, onde as palavras e o discurso lógico escapam à compreensão, pois não conseguem abarcar a nova realidade que se impõe. Ajustar-se à demanda dos tempos para melhor representar este mundo em transformação, criando uma entidade capaz de narrá-lo com absoluta isenção e propriedade, é a principal tarefa do escritor naturalista.

No romance *Os Malavoglia*, Verga alcança uma resposta eficiente para essa questão do Naturalismo¹², ao utilizar a paródia e a estilização¹³ como mecanismos de uma representação literária complexa, e de construção de um narrador impessoal inovador, apto a representar as condições da atualidade. O estudo analítico desenvolvido no terceiro capítulo deste trabalho toma esses recursos como o fio condutor da investigação do método que o autor desenvolve para representar a realidade no seu romance; e pretende demonstrar como as operações paródicas são verificadas nos vários níveis estruturais da narrativa: na construção do narrador, na criação lingüística, na articulação do discurso narrativo, na enformação das personagens¹⁴, na fabulação, no desenvolvimento do enredo, na descrição de tempo e espaço, na intertextualidade etc.

O detalhe significativo do método realista de representação literária que Giovanni Verga inventou fica por conta do apelo às raízes e à ancestralidade. Em *Os Malavoglia* o presente é paródia do passado. O mundo moderno, de progresso rápido e idéias avançadas, só pode ser descrito com verossimilhança pela paródia do mundo antigo, estático e de pensamento absoluto. A representação paródico-estilizada¹⁵ de diversas instâncias narrativas estratifica o plano do discurso, acionando esquemas de caráter universalizante e transcendente — arquétipos, mitos, ícones, lendas, epítetos, provérbios,

¹¹ G. Verga, “Prefácio”, *cit.*, p. 7.

¹² Cf. G. Verga, em *Lettere a Luigi Capuana*, *cit.*, p. 178 (carta de 29/ 5/ 1881).

¹³ Cf. I. Tyniánov, “‘Dostoevskij e Gogol’: per uma teoria della parodia”, em *Avanguardia e Tradizione*, *cit.*, pp. 138-139.

¹⁴ Cf. M. Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, *cit.*, p. 205.

¹⁵ Cf. M. Bakhtin, em *Questões de literatura e de estética*, *cit.*, p. 366.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

